

**Da Pauta à Docência:
entre
Encantos e Desencantos,
a Trajetória
de uma Jornalista**

Maria José Esteves

2014

ESTEVES, Maria José

*"Da Pauta à Docência:
Entre Encantos e Desencantos,
a Trajetória de uma Jornalista"*

2014, BA. Feira de Santana

50 p. V. 01

SUMÁRIO

Memórias da caminhada acadêmico-profissional na
constituição da identidade profissional como docente do ensino
superior

1. Para início de conversa.....	3
2. Primeiros encantos.....	5
3. Galgando novos vãos.....	14
4. Da Xerox à pauta...a pauta da vida.....	18
4.1 Jornalista não graduada.....	19
4.2 Jornalista em formação.....	27
4.3 Jornalista graduada.....	33
5. O fim da obrigatoriedade...e o desencanto.....	35
6. Algumas experiências (Projetos, Jornais, Boletins, Revistas, Premiações, Sites e Blogs, Eventos, Publicações.....	46 a 49

MEMORIAL DESCRITIVO

Memórias da caminhada acadêmico-profissional na constituição da identidade profissional como docente do ensino superior.

1. Para início de conversa...

Tentar escrever sobre nós mesmos é nos colocar frente a frente com um eu até então invisível. Elaborar este memorial de natureza descritiva traz o desafio de revirar lembranças e expô-las, para trazer à tona minha trajetória acadêmica até a presente data levando-se em conta as contingências, situações e condições que envolveram esse percurso. O caminhar acadêmico perpassa por descobertas. As primeiras no ensino fundamental, seguindo no ensino médio com o orgulho em concluir o Magistério, continuando com o ingresso à universidade com o curso de Ciências Contábeis, a conquista da tão sonhada graduação em Jornalismo e o mergulho recente no mundo da docência, com a conclusão da especialização. Trata-se, portanto, de uma produção auto-avaliativa reflexiva que auxiliou no tema que desenvolvi no trabalho de conclusão da especialização em Docência do Ensino Superior.

**“Escreva a sua história na areia da praia,
Para que as ondas a levem através dos 7 mares;
Até tornar-se lenda na boca de estrelas cadentes.**

**Conte a sua história ao vento,
Cante aos mares para os muitos marujos;
Cujos olhos são faróis sujos e sem brilho.**

**Escreva no asfalto com sangue,
Grite bem alto a sua história antes que ela seja varrida na
manhã seguinte pelos garis.**

**Abra o peito em direção dos canhões,
Suba nos tanques de Pequim,
Derrube os muros de Berlim,
Destrua as cátedras de Paris.**

**Defenda a sua palavra,
A vida não vale nada se você
não tem uma boa história pra contar”.**

Pedro Bial

2. Primeiros encantos...

Um anel de formatura daqueles de ouro legítimo, com uma pedra vermelha brilhante no centro e pequenas pedras nas laterais coroou minha primeira conquista acadêmica e encheu de orgulho os meus pais adotivos que com muito sacrifício o pagaram em doze parcelas mensais. Cada parcela paga reviviam a emoção do momento da conquista que o curso de Magistério representava para eles. Para mim, então com 18 anos, também muito representou apesar de não atuar como docente devido ter sido aprovada, no mesmo mês da formatura, num concurso para o Banco do Estado da Bahia, antigo BANEBA. Era o ano de 1979.

Entrega do anel - Formatura em Magistério – Sta. Ines-BA



Restou-me a experiência do estágio em turma de 1ª. série, das lembranças dos rostinhos daquelas crianças, dos móveis no teto da sala que seguiam cegamente aos comandos do vento, dos muitos cartazes e detalhes confeccionados com muito carinho por mim mesma, deitada no chão frio da sala da casa que me viu crescer.

Aqui merece um parêntese de como decorei a sala do estágio. Era um final de semana e estava tão feliz e ansiosa em querer colocar as coisas no lugar e ver a sala de aula pronta que não consegui aguardar a segunda-feira para fazê-lo. E com o inquietude comum aos adolescentes, pulei o muro do colégio, abri janelas, entrei pelos fundos e decorei a sala do meu jeito. Assim, pela aventura, recebi uma merecida bronca no meu primeiro dia de estágio.

Estágio curso de Magistério-1ª série-1979



Dentre muitos apelidos carinhosos que meu pai (Antonio) me colocara ao longo da nossa jornada juntos, tipo “minha bonequinha de louça”, “meu pezinho de andú”, o predileto dele era me chamar de “minha professora”. Imagine, era ele meu professor, além do meu herói.

Autodidata, não tinha sequer o antigo primário completo, mas o único juiz da cidade, os professores, médicos e empresários recorriam a ele para discutir as notícias dos jornais ou as publicações do Diário Oficial do qual era o único assinante local.

Antes mesmo do meu ingresso à escola, ainda muito pequena, comprou um quadro-negro (hoje quadro de giz) e ali me ensinara as primeiras letras e com o passar dos anos, as primeiras contas de multiplicar e dividir, o que aprendi mesmo antes das crianças da minha idade.

Também pedia diariamente que procurasse no dicionário o significado de cinco palavras sugeridas por ele. Assim, as minhas primeiras vivências com o Magistério começaram ensinando aos colegas o que aprendera muito cedo em casa com meu pai.

Até então morava a 302 km de Salvador, em Santa Inês, cidade localizada no Vale do Jequiriçá, centro sul baiano. Sempre com cabelos longos e ao vento, de pés descalços, pescando ou tomando banho escondido no rio Jequiriçá que cortava a cidade, passei, numa felicidade hoje invejável, a minha infância e adolescência.



Apesar de não ter nascido ali e sim numa fazenda próxima a Santo Antonio de Jesus, fui para Santa Inês no primeiro mês de vida, época em que fui adotada por meus tios (papai Antonio e mainha Noemia). Eles nunca tiveram filhos, ao contrário dos meus pais biológicos (Lourdes e Feliciano) que me deram doze maravilhosos irmãos de presente. Mas isso tudo só descobri aos oito anos de idade o que me deixou alguns anos buscando respostas sem tê-las.

Estudei o fundamental I no Instituto Santa Inês, escola particular dirigida por freiras cearenses. Naquela época meu pai Antonio era escrivão e sargento da Polícia Militar. Minha mãe Noêmia, muito firme e prendada, costurava, bordava, tomava conta da casa, fazia bolos e salgados sob encomendas e o que ganhavam nos rendia uma vida financeiramente tranquila, o que nos permitia ajudar aos meus irmãos e pais biológicos que ainda moravam na fazenda onde nasci e para onde eu ia nas férias.

Estudante do fundamental I - Aos 07 anos - 1968



Tudo ia bem até que junto com a aposentadoria do meu pai também veio a sua doença e as coisas mudaram. O dinheiro mal dava para pagar os remédios. Passei a estudar o fundamental II no Colégio Estadual Antonio Carlos Magalhães, e muitas vezes, forçada pela situação financeira usei sapatos furados, farda cheia de remendos e poucos livros velhos para estudar. Nada disso me tirava o ânimo da aprendizagem.

Era uma época difícil, período de ditadura militar, das censuras aos meios de comunicação, das torturas e exílios e das promessas do “milagre brasileiro”. Alheia à gravidade do momento político resolvi fazer algo para minimizar as dificuldades. Era o ano de 1973 e tinha 12 anos quando decidi escrever uma carta para o então presidente da república Garrastazu Médici pedindo uma bolsa de estudos.

Lembro-me perfeitamente de tudo. Na carta, toda manuscrita, ocupando os dois lados de uma folha de caderno pequeno, detalhei as dificuldades em adquirir os livros e a farda pela questão financeira do momento. Citei até trechos de poesias que criava na época e o meu prazer em estudar e aprender mais e mais.

Escrevi que meu pai era policial militar e que ele era uma espécie de herói para o país, mas que estava doente. Enviei-a escondido pelos Correios com o endereço que consegui no quartel onde meu pai trabalhava mexendo uns papéis por lá com a ajuda de um soldado chamado Milton.

Passados uns seis meses chega o carteiro com um envelope enorme lá em casa, em meu nome, remetido pelo Ministério da Educação. Era uma bolsa de estudos federal, a única da cidade. Só então revelei, diante da perplexidade de todos, a história da tal carta ao presidente Médici.

O ensino médio cursei no Colégio Normal Santa Inês que fazia parte da CNEC-Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. Adorava as aulas, principalmente de Literatura e Português, ao contrário das aulas de Inglês. Gostava muito de participar, de pesquisar, ler, escrever e, principalmente, ensinar meus colegas que apresentavam dificuldades. Sempre me pediam ajuda no período de provas e lá estava eu marcando reuniões, preparando esquemas e resumos para facilitar os estudos dos colegas. Creio que tudo isso foi muito significativo e decisivo para minha escolha à docência.



Aos 15 anos – Ensino Médio - Santa Inês (BA) - 1976

**"Inventar a vida produzindo sentidos à vida,
é inventar a si mesmo
inventando mundos possíveis.
Inventar/criar, são deslocamentos
que possibilitam a transformação...
...e remetem a processos
de re-significação do vivido".**

(PÉREZ, 2006, p. 179)

3. Galgando novos vôos...

Materializada pelas lembranças do tempo, relembro do meu primeiro ano de trabalho no BANEJ quando pedi transferência para Feira de Santana. Tinha 19 anos e pretendia continuar estudando, o que desagradou meus pais por achar que sendo uma professora formada não precisava mais estudar. Hoje, entendo que, na realidade, eles não queriam ficar sozinhos.

Éramos só nós três, mas meu desejo - apesar de ingrato com meus pais - falou mais forte e vim morar em pensionato numa cidade, até então para mim desconhecida. Queria me aventurar no tão concorrido vestibular da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, e consegui passar na primeira tentativa para Ciências Contábeis, curso escolhido pela influência do meu trabalho.

Cursei quatro semestres e depois tranquei, pois tive problemas de locomoção devido a um acidente. Depois casei e vieram meus primeiros filhos Marcelle e Ricardo e acabei abandonando o curso porque também não tinha me identificado muito com as discussões do curso que envolviam os débitos, créditos, balanços e diários.

Meus pais Antonio e Noemia com os netos Marcelle e Ricardo
1986



Na mala que trouxe de Santa Inês para Feira de Santana, além da esperança, tinha poucas roupas e um espaço reservado para a querida e pequena máquina de escrever Olivetti, presente de debutante dada pelo meu pai Antonio quando fiz 15 anos. Lembro-me que ele mesmo me levou à loja e pediu que a escolhesse e ele também se encarregara de me ensinar a datilografar conforme as normas, usando os dez dedos. Em páginas e mais páginas, eu passava horas reproduzindo os exercícios que ele me apresentava, mas gostava da novidade. Em resumo, quando fui para a escola de datilografia fiz só um teste e no mesmo dia tirei a foto (de beca e capelo) para meu esse primeiro diploma.

Esta experiência me serviu pouco tempo depois por ocasião do concurso do BANEBA, pois a prova de datilografia era eliminatória. Lembro-me que tínhamos de reproduzir um texto com determinados toques por segundo e dentro de um curto espaço de tempo. Não sei se teria conseguido se não tivesse a determinação e visão do meu pai. Essa mesma máquina, até hoje comigo, também foi um instrumento para me revelar, anos depois, uma nova descoberta: a de ser Jornalista.

***“O tempo presente e o tempo passado
talvez ambos estejam presentes
no tempo futuro, e o tempo futuro
contido no tempo passado”.***

(T.S.Eliot)

4. Da xerox à pauta...a pauta da vida

"Como me tornei o que sou? Como aconteceu para que eu pense o que penso? E como aprendi o que creio saber, saber-fazer, saber ser, saber pensar?" (JOSSO, 2004, p. 204).

Essas questões, colocadas por esta autora me faz refletir enquanto profissional de jornalismo dividindo essa minha trajetória em três fases:

- como jornalista não graduada,
- em formação,
- e como jornalista graduada.

Assim, subdivido este capítulo em três seções para discutir os encantos e desencantos da profissão de jornalismo.

4.1-Jornalista não graduada

Assim como meu anel de formatura, ainda em uso, que simboliza as vivências com o Magistério, a minha querida máquina de datilografia remete a outras como jornalista.

A descoberta para o jornalismo aconteceu meio por acaso na época em que trabalhava no BANE B, exatamente no ano de 1991, quando comecei a colocar notinhas, nomes dos aniversariantes do mês ou anúncios datilografados no mural da agência onde trabalhava.

As notinhas foram se transformando em textos maiores que datilografava em casa e os colegas começaram a elogiar e pedir mais. Foi aí que tive a ideia de criar um jornalzinho interno, o primeiro dentre todas as agências do banco.

Exercia a função de caixa executivo e como não tinha tempo de elaborá-lo durante o expediente de trabalho, fazia-o nos finais de semana em casa usando a minha já citada máquina Olivetti.

Dei o nome de On-Line ao jornalzinho, pois queria que significasse um elo, um canal de comunicação entre nós, bancários e clientes. Com os títulos das seções escolhidos em revistas, recortados e colados, com desenhos e até charges criadas por mim, todo datilografado e depois xerografado, assim, surgiu o On-Line com uma tiragem inicial de 20 cópias.

Jornal On-Line nº 01 Outubro/1991



Era o número máximo de xerox que estava autorizada pelo banco. Como éramos 120 funcionários e só tínhamos um jornal para cada seis colegas, além dos clientes que começaram a se interessar pela leitura do mesmo, senti a necessidade de ampliar sua tiragem.

Fui participar de um curso ofertado pelo BANEb em Salvador e levei alguns números do jornal para o pessoal conhecer.

Mostrei aos instrutores do curso que trabalhavam na direção geral do banco e sugeri que eles conseguissem autorização para aumentar o número das cópias de 20 para 200 e, assim, a tiragem aumentou e também a demanda. A essa altura, todos já me chamavam de jornalista e eu me sentia assim. Era uma jornalista não graduada.

Comemoração 2º ano do On-Line



Por alguns anos, os colegas fizeram coffee-break surpresa com direito a torta para comemorar o aniversário do jornal. Gostavam muito dele e se identificavam com os textos, imagens e informes porque eram eles, os colegas funcionários, os entrevistados, contavam suas histórias, conquistas dos seus filhos, seus “causos”, tinham suas habilidades e hobs revelados, datas importantes destacadas e seus desempenhos ali divulgados, lidos e comemorados por muitos. Éramos uma espécie de família feliz.

Com o passar do tempo foi aumentando o número de páginas e seções do jornal e o gerente conseguiu um fotógrafo chamado “Zé do Flagra” para me acompanhar nas matérias. Por quase três anos (outubro/1991 a agosto/1994), o jornal criado por mim continuava sendo datilografado na mesma máquina presenteada pelo meu pai, mas ao ser xerografado perdia-se a qualidade das fotos que, na maioria das vezes, ficavam irreconhecíveis. Isso muito me incomodava e senti até vontade de desistir, mas não nasci para desistências e tinha um sonho de vê-lo impresso.

Fiz orçamentos em gráficas e tive a ideia de conseguir clientes patrocinadores em troca de anúncios numa seção de classificados que acabara de criar. Sentia a energia do meu pai já falecido meses antes, me impulsionando nos momentos mais difíceis. Consegui dez patrocinadores e com o valor arrecadado surgiu o primeiro On-Line impresso em off-set, com fotos nítidas apesar de preto e branco (era assim na época) e textos já digitados no Word.

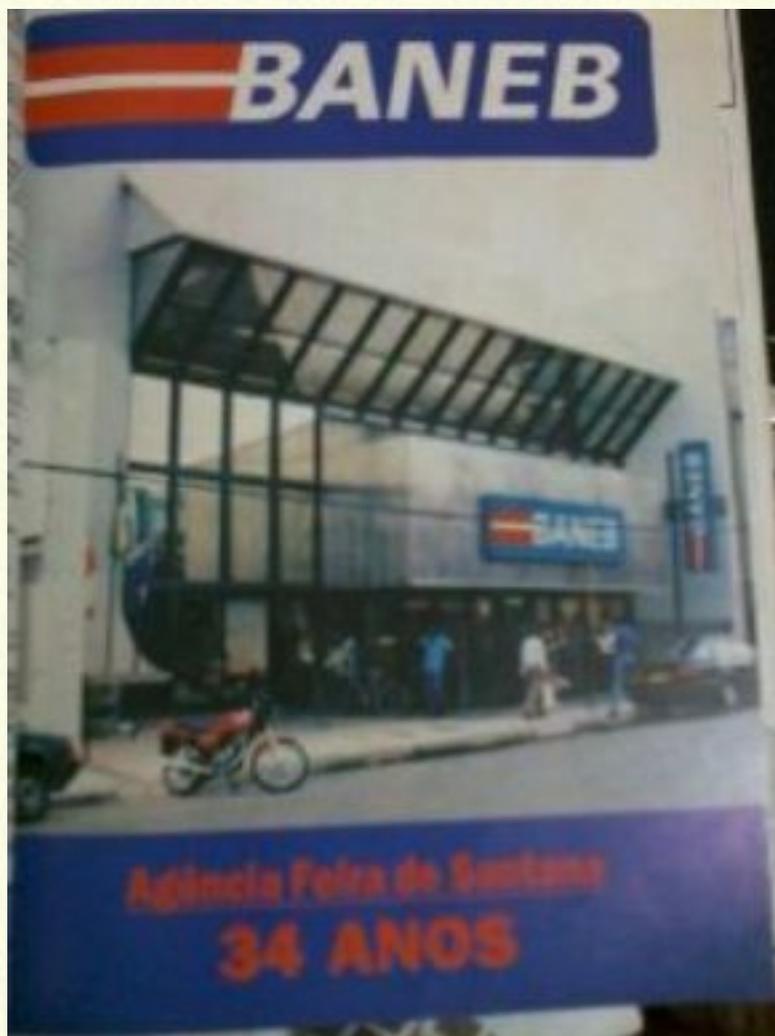
Comemoramos muito essa conquista. Como foi o primeiro jornal interno, dentre todas as agências do BANEBA, e também pelo esforço em mantê-lo, vieram os reconhecimentos, telegramas, destaques na imprensa local, selos de qualidade e uma homenagem surpresa numa convenção interna que reuniu a diretoria e 400 gerentes e subgerentes do banco.

Era o auge e isso alimentou o sonho de querer trabalhar na Assessoria de Comunicação do banco que funcionava na direção geral em Salvador, mas isso era impossível porque, apesar de todos me tratarem como jornalista e eu me sentir assim, na realidade, não era uma jornalista graduada.

Então, nasceu o desejo da graduação e Feira de Santana não oferecia o curso e precisava daquele diploma para trabalhar lá e não o tinha. Assim, tive que adiar o sonho, mas não a ousadia.

Depois de pesquisar muito, resgatar verdadeiras histórias e “fotos do baú”, digitar por madrugadas textos e mais textos, fui pessoalmente à diretoria do banco em Salvador apresentar esse material e tentar recursos para lançar uma revista.

Tratava-se de uma revista comemorativa aos 34 anos da agência de Feira de Santana, onde contava sua história, antes perdida ao longo da sua existência. Com ideia abraçada e cinco meses depois, em maio de 1995, a revista foi lançada numa festa preparada pelos colegas, com direito a som ao vivo, convidados ilustres, muita comida e bebida, além da inesquecível noite de autógrafos.



Revista comemorativa aos 34 anos da agência
BANEBA de Feira de Santana - 1995

O On-Line continuava e o banco agora dava total atenção àquele veículo que incentivou a criação de outros jornais internos em outras agências, mas, em julho de 1996 escrevi seu último número, pois comecei a perceber que ele já não servia mais aos nossos propósitos como antes.

Não era uma mais uma ferramenta nossa e tinha tomado uma proporção muito grande, passando o banco a ditar a pauta, indicar quem eu deveria entrevistar, para onde viajar e, o pior é que normalmente tinha interesses políticos envolvidos. E, com a mesma determinação que tinha começado o On-Line, também o terminei para a minha tristeza e dos meus ex-colegas que até hoje comentam comigo quando raramente os reencontros depois de anos.

Em 1998, saí do banco pelo Plano de Desligamento Voluntário – PDV, após 18 anos de trabalho. Contudo, minha história como jornalista não graduada não acabou naquele momento. Criei posteriormente um jornal chamado “Inter Shoppings” que envolvia três pequenos shoppings que hoje não existem mais em Feira de Santana: Shopping Jomafa, o Shopping Flamboyant e o Feira Shopping. Infelizmente, o jornal acabou quando os empreendimentos começaram a fechar.

4.2-Jornalista em Formação

Finalmente em 2003 o curso de Jornalismo ganhou vida em Feira de Santana. Nessa época a cidade contava apenas com três instituições particulares de ensino superior e uma pública. Seria possível realizar meu sonho de ser uma profissional de jornalismo, mas não era mais possível trabalhar na assessoria de comunicação do banco, uma vez que este não mais existia.

Tinha 42 anos de idade, mas isso não me fez desistir do diploma que um dia me fez falta. Fiz o vestibular e ingressei na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana-UNEF. Tinha mais uma filha de nome Ellis, então com 07 anos, e nos finais de semana discutia os assuntos acadêmicos com os dois filhos mais velhos que também cursavam outras faculdades na mesma época.

Na academia vivi momentos de construção,(des)construção e (re)construção. Descobri por exemplo, que apesar de não ser ainda graduada na área e ter sido reconhecida com jornalista por anos, escrevia sem conhecer as técnicas do jornalismo.

Fazendo uma releitura dos jornais que publiquei, pude perceber que, mesmo sem saber, era uma espécie de jornalista literária.

Durante a minha formação na UNEF, os cursos de Jornalismo eram referenciados pelas “Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de Comunicação Social e suas habilitações”, apesar de ser um equívoco. O Jornalismo é uma profissão reconhecida internacionalmente e a Comunicação Social não é uma profissão em nenhum país do mundo, mas sim um campo que reúne várias e diferentes profissões e uma área acadêmica que engloba diversas disciplinas específicas.

Ali mesmo, entendi que esse modelo de ensino da Comunicação Social, proposto pela UNESCO para o Terceiro Mundo, foi adotado como obrigatório no Brasil durante a ditadura militar que não podia admitir a existência de uma prática profissional da Comunicação baseada na liberdade de expressão, no direito à informação e na fiscalização do poder.

Turmas de Jornalismo/Publicidade e Propaganda em 2006



Minha turma de Jornalismo era composta na maioria por jovens e por algumas pessoas da minha idade, superando minhas expectativas a respeito. Alguns já com experiência e sem o título, iguais a mim, outros com a ideia errônea do suposto glamour e destaque social oferecido pela profissão. Já no primeiro semestre, fomos de encontro à matriz curricular proposta pela faculdade e conseguimos modificá-la depois de muita insistência junto à direção. Pesquisamos e apresentamos novos modelos que valorizavam mais o equilíbrio e a integração entre a teoria e a prática.

Nesse período da minha formação trabalhava durante todo o dia como Controller numa Cooperativa de Crédito ligada ao Banco Cooperativo do Brasil e estudava à noite. Não dispunha de tempo para dedicar aos estudos, por essa razão, minhas leituras eram feitas, em sua maioria, dentro do transporte coletivo entre o trabalho e a faculdade no final do expediente. Consegui pouco tempo depois um trabalho maravilhoso em 2005, como assessora de comunicação numa empresa que criava e comercializava softwares para o Terceiro Setor, onde pude colocar em prática o que aprendera na minha vivência com o jornalismo e, até então, na faculdade, mas, infelizmente, ali fiquei por pouco tempo porque a empresa fechou.

Desempregada, e sem recursos financeiros suficientes para pagar a faculdade, fui cancelar meu curso. Chorava muito. Não queria fazer aquilo. Comovido com esta minha situação, o então diretor, Newton Oliveira, sugeriu que eu permanecesse na faculdade e como pagamento prestasse serviços na assessoria de imprensa da instituição até que eu pudesse voltar a pagar as mensalidades. Com esta oportunidade, pude adquirir mais experiência na área.

.

Depois de uns cinco meses, arrumei novo emprego como tesoureira, cujas funções eram desvinculadas totalmente com a minha formação em jornalismo. No decorrer do curso, ora no laboratório de rádio, ora no de fotografia, ora no de TV ou de informática, percorri com meus colegas por diversas trilhas. Da fotografia à edição e diagramação de um jornal impresso: o “Comtexto”; escrevemos perfis de personalidades da terra; produzimos grandes reportagens radiofônicas para o nosso programa “Realidade” apresentado por nós aos sábados na Rádio Sociedade de Feira de Santana; executamos matérias de telejornalismo e apresentamos programas de TV na própria instituição; visitamos veículos de comunicação em outras cidades e fizemos um breve passeio pelos caminhos do jornalismo científico.

Nada me impedia de seguir em frente. Gostava da formação e queria aquele diploma. Participei de diversos eventos, encontros e congressos dentro e fora do estado. Criamos o primeiro Diretório Acadêmico - D.A. do curso da qual fui diretora financeira. Era aplicada, dedicada, não faltava às aulas e conclui a graduação em oito semestres aos 46 anos de idade.

Orgulhosamente fiz parte da comissão de formatura e fui mestre de cerimônias da colação de grau. Também inovamos e fizemos nossa colação temática usando a África como nossa inspiração. Desde o vestuário, o hino nacional entoado ao som de atabaques, as danças apresentadas até os discursos, foram baseados no nosso tema. Foi uma experiência inesquecível e, assim, me tornei Jornalista com diploma.

Colação de grau turma “Formafros” Setembro/2007



4.3 Jornalista graduada

De posse do meu diploma em Jornalismo, a primeira atitude foi pedir demissão do trabalho como tesoureira. Queria trabalhar na área de formação o que não demorou muito a acontecer. Recebi uma proposta para trabalhar na assessoria de imprensa de um político que se candidatara a prefeito da cidade de Feira de Santana e que, até então, era deputado federal.

Confesso que fiquei assustada porque nunca tinha me imaginado num cenário político, mas aceitei a proposta porque gosto de desafios. E que desafio! Em plena campanha eleitoral o acompanhava diariamente para reuniões, eventos religiosos, programas de rádio e TV, caminhadas e debates.

Feliz em poder praticar aquilo que aprendera na faculdade. Sua equipe me conseguiu uma máquina digital e ali tudo registrava. Nada podia passar despercebido. Foram muitos os flashes de ministros, governadores, secretários de estado, deputados e outros políticos. Também criei seu jornal “Colbertura”. Trabalhei nessa assessoria por três anos, entre 2008 e 2011 e foi uma experiência sensacional para o meu aprendizado profissional.

“Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora. Esforço-me por recuperá-lo tal como realmente e objetivamente foi, mas não posso separar o passado do presente, e o que encontro é sempre o meu pensamento atual sobre o passado, é o presente projetado sobre o passado”

(SOARES,1991, p.37-8)

5. O fim da obrigatoriedade...e o desencanto

Enquanto isso, o Supremo Tribunal Federal – STF resolveu pôr fim a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de Jornalismo no Brasil . Em decisão tomada em 17 de junho de 2009, os ministros avaliaram por 08 votos a 01 que a exigência da formação superior por parte dos veículos de comunicação e outras empresas para a contratação de profissionais da área ia contra a Constituição e representava resquícios dos tempos da ditadura.

Acredito que o diploma de jornalismo jamais foi obstáculo à liberdade de imprensa ou à liberdade de expressão. Costa (2012), em suas pesquisas sobre a censura no Brasil, afirma que “a censura já não atua de acordo com o modelo burocrático e estatal instituído na Modernidade [...]. Estamos hoje, diante de processos de censura plurais, difusos, indiretos e internacionais, mais adequados a um capitalismo neoliberal e globalizado” (p. 1). O obstáculo real a essa liberdade é, na verdade, o monopólio, a concentração da propriedade de veículos de comunicação nas mãos de poucos grupos ou famílias.

Se os cursos de jornalismo forem de qualidade, representam a formação de, no mínimo, bons repórteres e redatores, com um mínimo de noção de ética, moral, história, teoria da comunicação e das técnicas próprias da prática jornalística. Em contrassenso, ao fim da obrigatoriedade, exatamente no dia 13 de setembro de 2013, teve início um novo capítulo para o curso de jornalismo brasileiro com a homologação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais. Com essas novas diretrizes, os cursos ficarão mais práticos, aproximando-se mais do mercado, e 50% das aulas passarão a ocorrer em laboratórios ou serem práticas.

A carga horária mínima do curso passou de 2700 horas para 3000 horas. Uma das mudanças mais significativas é a “separação” dos cursos: as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Área de Comunicação Social e suas Habilitações” foram substituídas pelas “Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo Bacharelado”. Os novos profissionais não serão mais Comunicólogos e sim Bacharéis em Jornalismo.

Apesar dos encantos e desencantos na minha trajetória profissional, meu trabalho continuou com a assessoria de imprensa de alguns empresários da cidade e depois com assessoria de comunicação, por dois anos e meio, da Diretoria Regional da Educação de Feira de Santana-DIREC 02, instituição ligada à Secretaria Estadual de Educação.

Convivi diariamente com gestores, professores e alunos. Para alimentar o blog da instituição ou o jornal criado por mim, o “Direcionando”, escrevia sobre seus feitos, avanços, conquistas. Além de trabalhar aqui em Feira de Santana viajava para registrar os projetos que envolviam a Secretaria Estadual de Educação e as escolas da Direc 02, inclusive os campeonatos, gincanas, premiações, inaugurações de novas escolas, festivais de música, saraus, feiras, exposições, jornadas pedagógicas.

Também tive a oportunidade de entrevistar Vasco Moretto e Celso Vasconcelos. Termos como EJA, Emitec, Projovem, Mais Educação, Progestão, Gestar, FAED, PPP, AC, passaram a fazer parte do meu vocabulário.

Tive que estudá-los para escrever sobre eles no período em que trabalhei na DIREC 02. Assim, aprendi um pouco desse universo educacional e, dessa forma, me aproximei dos sujeitos da educação, interrogando-os ao mesmo tempo em que me deixava interrogar por suas narrativas, experiências, por suas vidas. Escutando-nos mutuamente trouxe à tona aquele universo do tempo do Magistério, dos contatos com a escola e com meus alunos na época do estágio. Sentia-me muito bem naquele contexto escolar,



Concomitantemente com as minhas atribuições na DIREC 02, prestava serviços como coordenadora do programa Todos pela Educação -TOPA, criado pelo governo estadual através da Secretaria da Educação que visa promover alfabetização de jovens e adultos.



Trabalhava na elaboração dos planos de aula com os alfabetizadores, preenchimento de fichas de avaliação, relatórios das aulas, visitas às turmas de alfabetizandos, além de alimentar o blog do Programa.



Esta atividade profissional acabou me inserindo, mais uma vez, no campo da educação e, diante desse percurso ritualizado pelos mais diversos aprendizados, tempos significativos, experiências vividas, convivências saboreadas, leituras, escritas e escutas sentidas, fiquei mais seduzida para adentrar ainda mais na área da educação.

Apesar de tudo, foi um período difícil, passei por uma decepção muito grande na minha vida pessoal e o salário que recebia era muito irrisório por ser prestadora de serviços, mas aprendi muito.

Por questões financeiras, tive que buscar novo emprego e consegui na área administrativa de um salão de beleza onde trabalhei até 2014, quando passei numa seleção como Orientadora Educacional no Movimento de Organização Comunitária-MOC, oportunidade maravilhosa no campo da Educação.



Entretanto, guardei comigo a experiência transformadora adquirida nos espaços educacionais onde estive, ritualizada pelos mais diversos aprendizados, tempos significativos, convivências saboreadas, leituras, escritas e escutas sentidas, isso foi despertando uma professora adormecida em mim, renascida aos 52 anos de idade, fazendo-me buscar novos horizontes e mais um desafio: a docência universitária.



Busquei a especialização, mais exatamente em Docência do Ensino Superior (foto da turma).e mais tarde iniciei um mestrado em Educação do Campo. Além de oferecer conhecimento mais localizado e aprimorado, acredito que a pós-graduação auxilia na qualidade do meu trabalho e facilita minha inserção no mercado de trabalho.

Pretendo seguir carreira dentro da academia. Não quero ser mais uma professora ou mais uma jornalista. Hoje tenho o mesmo sonho do meu pai, sonho que a docência me permita poder dar ao aluno sensibilidade suficiente e condições para atuar como profissional que seja capaz de compreender os problemas sociais e, dentro do possível, ser tecnicamente hábil para tentar resolvê-los.

|

**"É na minha disponibilidade permanente à vida
a que me entrego de corpo inteiro,
pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo,
que vou aprendendo a ser eu mesmo
em minha relação com o contrário de mim".**

(FREIRE, 1997, p. 85)

Ao finalizar este trabalho percebi que a narrativa (auto)biográfica me possibilitou, enquanto sujeito-aprendente, revisitar minha trajetória de vida, num movimento autocrítico dos avanços e recuos das minhas condutas pessoais ou profissionais. A construção deste material foi algo desafiador e que me permitiu concluir que é preciso ser roteirista, autor, escritor, diretor e protagonista de sua própria história.



Acredito que o motivo que leva um profissional de jornalismo ou de qualquer outra área acadêmica migrar para o exercício da docência está nas entrelinhas do seu itinerário de vida, no viver o prazer das descobertas, no dar sentido à busca de si, de suas raízes, no desejo de socializar e absorver saberes e representações construídas, possibilidades, no se colocar enquanto sujeito num tempo e espaço significativos para a construção de uma história educacional de qualidade.

E, assim encerro esta escrita, reafirmando a potencialidade do método (auto)biográfico, sobretudo para a área de educação, principalmente para aqueles que almejam exercer a docência no ensino superior, pois é necessário mergulhar em si, revisitar os percursos de formação e as trajetórias de profissão fazer uma análise crítica e reflexiva para poder ser efetivamente o educador que faz a diferença.

6. Algumas experiências:

6.1 – PROJETO (Aprovado pela IES e posto em prática)

“A UNEF nas Ondas do Rádio Poste para Comunicar, Convergir e Revolucionar”

Projeto próprio de criação de uma rádio universitária, uma rádio poste, para captar e divulgar os acontecimentos do contexto acadêmico transformando o corpo docente e discente da UNEF em sujeitos/agentes e produtores do universo do rádio.

6.2 – JORNAIS (criação, redação, edição e design gráfico)

Jornal On-Line (BANEB, 1991 a 1996)

Jornal Inter Shoppings (Feira Shopping, Jomafa e Flambroyant, 1998 a 2000)

Jornal Interface (Include Softwaree Ltda, 2005)

Jornal Colbertura (Dep. Federal Colbert Martins, 2008/2010)

Jornal Direcionando (DIREC 02, 2011 a 2012)

6.3 – BOLETINS (redação)

O Candeeiro (Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)- 2014/2015)

Bocapiu (Movimento de Organização Comunitária (MOC)- 2014/2015)

6.4 – REVISTAS (criação, redação, edição e design gráfico)

Revista BANEB Agência de Feira de Santana – 34 anos (1995)

Relatório Anual de Atividades das Escolas da DIREC 02 (2011)

Revista Nov` Idade (2011 a 2013)

6.5 – PREMIAÇÕES

Premiação pela criação do primeiro jornal interno das agências do BANEB, Salvador-BA, 1994.

1º lugar no concurso de Contos - Projeto Mostre seu Talento III, promovido pela Associação Atlética BANEB, Salvador-BA, 1996.

Premiação pelo lançamento da revista comemorativa aos 34 anos da Agência BANEB Feira de Santana, Salvador-BA, 1996.

6.6 – SITES e BLOGS (criação e alimentação)

www.includesoft.com.br (2005)

www.colbertmartins.blogspot.com.br (2008 a 2011)

www.pumaestofados.blogspot.com (2009 a 2010)

www.direc02.blogspot.com (2009 a 2012)

www.topadirec02.blogspot.com (2009 a 2011)

www.mourapinho.blogspot.com (2010)

www.estevesporai.blogspot.com (2008 a 2011)

www.moc.org.br (2014/2015)

6.7 – EVENTOS (com certificação)

CAPACITAÇÃO JURÍDICA DE COMUNICADORES SOCIAIS.

Feira de Santana-BA, 2013.

17º ENJAC-ENCONTRO NACIONAL DE JORNALISTAS EM ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO. Goiania-GO, 2009.

II SEMINÁRIO MINISTÉRIO PÚBLICO PARA JORNALISTAS.

Feira de Santana-BA, 2007.

VI ENCONTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL-UNEF. Feira de Santana-BA, 2006.

MICO - MÍDIA E COMUNICAÇÃO. Aracaju-SE, 2006.

(Congresso).

SEMANA UNIVERSITÁRIA UNEF.

OFICINA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – Feira de Santana-BA, 2006.

OFICINA DE DOCUMENTÁRIO. Feira de Santana-BA, 2006.

49º CONGRESSO DA UNE. Goiania-GO, 2005.

SEMINÁRIO ESTADUAL DE JORNALISTAS EM ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO.

MÍDIA E PODER, FORMAÇÃO, CONFLITOS, ÉTICA E MERCADO. Lauro de Freitas-BA, 2005.

III ENCONTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE FEIRA DE SANTANA E RECONCAVO. Feira de Santana-BA, 2005.

FÓRUM DE GESTÃO DO TERCEIRO SETOR. COMUNICAÇÃO NO TERCEIRO SETOR. Feira de Santana-BA, 2005.

8º CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO. Salvador-BA, 2004.

OFICINA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO SEMIÁRIDO PARA A SOCIEDADE. Salvador-BA, 2004.

OFICINA DE CONTATO VISUAL DE CULTURA BRASILEIRA E REGIONAL. Feira de Santana-BA, 2004.

II ENCONTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL-UNEF. Feira de Santana-BA, 2004.

6.8 – PUBLICAÇÕES

Diversos artigos e crônicas publicados em jornais (Folha do Estado, Folha do Norte, Tribuna Feirense, Comtexto), revistas (Destaque, Panorama) e em sites.

Colunista em 2009, no site www.noticiasdabahia.com.br ao lado de jornalistas renomados e do ditador Fidel Castro.

"(...) todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos"

Paulo Freire